

# Cracolândia: a heterotopia de um espaço público

*Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde*

✉ rvalverde@usp.br

## Resumo

Este artigo usa a noção de heterotopia criada por Michel Foucault para interpretar as conexões entre corpo e espaço público na área popularmente conhecida como Cracolândia, situada no Centro da cidade de São Paulo. A co-presença conflituosa de usuários de drogas, moradores de rua, policiais, comerciantes e proprietários em uma área simultaneamente central em sua posição, mas periférica em relação ao fluxo de capital e ao mercado imobiliário, fornece as condições para que se configure um tipo de espaço que é nomeado e vivenciado por um conjunto de necessidades: dependência de drogas, pobreza e vida cotidiana. O objetivo aqui é revelar que, mais do que propriamente um espaço da violência, a Cracolândia representa um espaço imoral e marginal da sociedade paulistana. Por intermédio desta imoralidade e marginalidade, seria possível renovar, ampliar e rediscutir as formas e sentidos da política na cidade.

\* \* \*

**PALAVRAS-CHAVE:** Cracolândia, espaço público, São Paulo, heterotopia.

## Introdução

O neurocientista norte-americano Carl Hart, em recente viagem ao Brasil, manifestou seu repúdio ao uso do termo Cracolândia e a forma pela qual os meios de comunicação representavam os usuários de crack das grandes cidades brasileiras. De acordo com o neurocientista, o consumo de crack seria apenas uma pequena parte do que acontece dentro daqueles limites classificados como Cracolândia e, ainda segundo Hart, o que haveria de menos importante ali dentro. Hart sugere ainda que o consumo de drogas é indiferenciado ao redor do mundo e que o mais importante seria prover os seus usuários de alternativas para a saída da cadeia do tráfico (HART, 2014). Entre os leitores do seu livro, encontra-se o Prefeito de São Paulo Fernando Haddad, que, através de políticas públicas como a Operação Braços Abertos, tem tentado fazer frente à perspectiva militarista da Operação Cracolândia conduzida pelo Governador Geraldo Alckmin.

Diante da atualidade e da polêmica em torno da existência e da imoralidade da Cracolândia, é preciso definir inicialmente quais são as questões que farão parte da nossa investigação. Este artigo tem o objetivo geral de analisar em que medida a Cracolândia pode ser considerada um território, assim como as suas características e desafios. Apesar de considerarmos correto o sentido geral do argumento de Hart, defendemos que o uso do termo Cracolândia é importante na medida em que essa área apresenta características territoriais. Isto significa que tudo que acontece na Cracolândia é influenciado pelo fato de ali acontecer, podendo alterar as práticas sociais. Com isso, não privilegiamos qualquer discussão sobre o grau de dependência química do crack. Tampouco temos interesse particular nos registros das experiências pessoais dos usuários de drogas, que já são abundantes nos meios de comunicação. Também colocamos em segundo plano uma análise direta dos problemas e virtudes das políticas públicas nacionais e municipais para o combate ao crack. Acreditamos que as opções mais frequentes de observação da Cracolândia, sejam estas científicas ou não, já têm trazido estas perspectivas à tona. O que tem faltado, em nossa opinião, é avaliar a importância e os sentidos da Cracolândia como um tipo de território.

Ao longo dos seus 20 anos de existência, a Cracolândia apresentou alguma flutuação nos seus limites físicos, que hoje estão associadas às avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco, Cásper Líbero e à rua Mauá, no Centro Antigo da cidade de São Paulo. Os momentos de menor repressão do poder público em relação à sua existência permitiam que, sobretudo a noite, as práticas que caracterizam a Cracolândia fossem encontradas em ruas dos bairros que se encontram a sua volta. No entanto, sua extensão esteve sempre conformada nos

limites da zona periférica do centro da cidade, no sentido em que esta foi discutida por Corrêa (1995), e incluía trechos próximos à Estação da Luz, da chamada Boca do Lixo, dos bairros de Campos Elíseos, Bom Retiro, Santa Cecília, Santa Efigênia e República e do centro histórico da cidade de São Paulo. Com isso, é importante salientar que o estudo do sentido espacial existente na Cracolândia significa compreender relações de poder que são suficientemente regulares para serem percebidas, localizadas e estudadas, mas que apresentam variações na sua configuração e, portanto, não permitem a definição de um território fixo e imutável. Deixamos claro que, em nossa concepção, nenhuma relação de poder ou fato humano possa alcançar esse caráter absoluto, o que permitiria o estudo da Cracolândia ainda que esta venha a desaparecer no futuro próximo.

Para avançar nesse sentido, sugerimos dois referenciais teóricos para operacionalizar os objetivos específicos do presente artigo: a ideia de heterotopia de Foucault e a categoria de espaço público. A relação entre espaço público e heterotopia ainda não foi suficientemente explorada ou ao menos debatida na geografia brasileira, ainda que sua difusão na geografia anglo-saxã seja considerável. Acreditamos que a chave na compreensão da resiliência da Cracolândia como um tipo de espaço possa ser encontrada por intermédio desses dois referenciais. Essa proposta depende de uma pressuposição: as relações de poder que ali se desenvolvem ultrapassam os limites da política formal, do desenho urbano e de uma publicidade cosmopolita e oficial. Desse ponto de partida, o sentido político institucional do espaço público deixa margem para que certas práticas heterodoxas se construam em suas bases físicas e que apontem justamente para necessidades e problemas que o desafiam de forma importante.

Partimos de um conjunto eclético de fontes para esse artigo, tendo em vista as dificuldades em operacionalizar um estudo sobre a Cracolândia. Em primeiro lugar, lançamos mão dos dados divulgados pelos programas sociais de combate ao crack que são conduzidos pela prefeitura e pelo estado de São Paulo. Em segundo lugar, usaremos os registros da deterioração da área, por intermédio de informes do mercado imobiliário, documentos de movimentos sociais e de organizações não governamentais. Com isso, esperamos trazer registros que permitam a realização do debate da publicidade na Cracolândia, estabelecendo assim uma contribuição diferenciada em relação às demais já apresentadas.

### Do espaço público à heterotopia

A noção de espaço público já recebeu diversos tipos diferentes de definição, que envolveram conteúdos de diversas ciências sociais, como a Ciência Política, a Sociologia, a Arquitetura e a Geografia. Por vezes, o modo pelo qual a noção de

espaço público é definida remete a formação do discurso político e, por derivação, as suas instituições, leis, sistemas e processos. Em outros casos, o sentido da discussão da ideia de espaço público foi apresentado como próximo ao desenho urbano e suas consequências: o planejamento, os códigos urbanísticos, as funções urbanas e ao zoneamento. Em ambos os casos, a ideia de espaço público veio associada a um discurso sobre a ordem, a política e seus produtos e, de modo geral, a um julgamento de que o espaço público vive em crise devido aos conflitos pelo seu domínio, pelas desigualdades entre os seus agentes ou ainda pela arbitrariedade das suas normas (GOMES, 2004; VALVERDE, 2007).

Por sua vez, a heterotopia foi uma ideia introduzida por Michel Foucault durante uma palestra realizada na Tunísia em 1966 para um público formado sobretudo por arquitetos. Nessa apresentação, o autor critica a existência de um *déficit* de atenção conferida à categoria espaço quando esta é comparada a categoria tempo. Foucault defende que o estudo do espaço pode revelar simultaneidades, justaposições e dispersões que desafiam a narrativa histórico-sociológica mais tradicional. De modo mais preciso, Foucault sugere que há certa tensão inerente à dimensão espacial, constituída pelas possibilidades de rompimentos, inversões ou relativizações dos poderes hegemônicos e definidores dos processos históricos (FOUCAULT, 2001; SOJA, 1996; VALVERDE, 2009). Nas palavras de Foucault (2001):

Eu acredito que a inquietude de hoje concerne fundamentalmente ao espaço (...) o espaço contemporâneo não está ainda inteiramente “dessacralizado” (...) E talvez nossas vidas ainda estejam comandadas por um certo número de oposições que não podemos tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atingir: oposições que nós admitimos como dadas, por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho (FOUCAULT, 2001, p. 1573).

O trecho anterior Foucault salienta a nossa dificuldade em conceber nossas vidas para além de oposições como a que estabelecemos entre espaço público e espaço privado. Não há maior clareza no texto apresentado pelo autor se a heterotopia é um produto direto dessa oposição, reforçando a sua separação ou se é uma forma que dificulta a separação através dessas balizas. Os exemplos que o autor se propõe são construídos em ambos os sentidos. O uso largo da ideia de heterotopia previsto por Foucault envolve uma série de exemplos de espaços reais (biblioteca, bordel, termas, cemitério, prisão) e de espaços metafóricos (barco, espelho etc.). Alguns desses exemplos se desenvolvem em espaços comuns, abertos e públicos (ruas, trens, feiras), enquanto outros são próprios a recintos fechados.

Tais exemplos se mostraram tão variados que aqueles cientistas sociais que foram desenvolver trabalhos a partir dessa ideia de heterotopia são ainda obrigados não apenas a apresentar a ideia, mas também a justificar o corte que estabelece dentro da proposta de Foucault. O que ganha relevância para este artigo é justamente a ligação existente entre espaço público e heterotopia. De modo geral, a heterotopia seria um caso particular da tensão inerente ao espaço:

O espaço no qual nós vivemos, pelo qual nós somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos marca é também um espaço heterogêneo. Dito de outra forma, nós não vivemos dentro de um tipo de vazio, no interior do qual se poderia situar os indivíduos e as coisas. Nós não vivemos no interior de um vazio que se coloriria de diferentes luzes refletidas, nós vivemos no interior de um conjunto de relações que definem localizações irredutíveis frente às outras (FOUCAULT, 2001, p.1573-1574).

De acordo com o autor, as heterotopias seriam capazes de revelar novos comportamentos e práticas que, normalmente, seriam considerados imorais ou inapropriados dentro de uma sociedade. Isso significaria que as heterotopias seriam certos tipos de espaço que se constroem em conexão a uma prática marginal e que refletem um tipo de necessidade que ainda não foi completamente codificada, normatizada e tampouco suficientemente padronizada. De um modo geral, a heterotopia seria então anterior a um sentido político institucional, ainda que possa posteriormente passar por um processo de institucionalização. Foucault (2001) argumenta que:

Mas os que me interessam entre todos os lugares são aqueles que possuem a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros lugares, mas de um modo tal que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se acham designados e refletidos por eles (FOUCAULT, 2001: p.1574).

Entendemos que as relações entre espaço público e heterotopia devem ser constituídas para além do uso metafórico que por vezes aparece nos trabalhos de Geografia. Tais relações não seriam caracterizadas pela oposição entre ordem e desordem e tampouco por uma total separação das dinâmicas que se constroem pública ou privadamente. Partimos da eminência de um espaço público heterotópico, no qual a sua publicidade seria construída cotidianamente sobre uma base prévia, constituída pelas normatizações do poder público, pelas ações do mercado de valorização da terra urbana e pela territorialidade de um (ou poucos) grupo social. Isso significa que este espaço público heterotópico pode ser identificado naqueles casos em que as estruturas de dominação mais frequentes são

desafiadas por processos que se constroem para além dos seus interesses e práticas.

De modo mais preciso, acreditamos que a heterotopia possa se desenvolver em um espaço público, apesar da necessidade que a anima não ser perfeitamente compatível com um espaço normativo e regido pelos hábitos e costumes cosmopolitas. Para associar heterotopia e espaço público seria preciso aceitar primeiramente que a publicidade é uma composição de práticas sociais superpostas, e não apenas um código de controle de comportamentos associado a um desenho urbano. Segundo, a heterotopia em um espaço público depende de uma certa omissão e/ou carência de recursos públicos por parte do Estado e da sociedade, permitindo que a marginalidade se construa e se desenvolva abertamente. Por último, a realização de uma heterotopia em um espaço público também precisa ser ponderada no sentido de que talvez os seus princípios fundamentais e formas de funcionamento apresentem formas distintas de um fenômeno que se desenvolva em um ambiente fechado.

Inicialmente, podemos afirmar que uma heterotopia existe em clara conexão ao período em que se desenvolveu, mas, de forma alguma, pode ser entendida como um simples reflexo desse momento. Em cada forma e comportamentos urbanos que identificamos na área, podemos identificar significados e marcas de processos históricos específicos que, somados, nos permitem entender as condições e os limites para a existência de uma heterotopia no centro da cidade de São Paulo. Porém, a proposta de Foucault empresta à ideia de heterotopia um sentido de rompimento com as formas hegemônicas do espaço urbano e o seu zoneamento, ainda que esse rompimento não tenha sido sugerido como um processo político formal. A conexão entre heterotopia e tempo se construiria pelo adensamento em um espaço cujo sentido seria a busca de uma certa necessidade que ainda não foi convertida em política e, por isso, promove cotidianamente rompimentos com a ordem pública. A urgência de uma tal necessidade justifica a materialização de um espaço de rompimento com aspectos da ordem, enquanto a marginalidade dessa prática ainda não normatizada ou funcionalizada reflete os problemas existentes para garantir a permanência de uma heterotopia ao longo da história.

### A transição do Centro Antigo de São Paulo

No livro *Tristes trópicos* (1996), o antropólogo francês Levi-Strauss analisou uma diferença fundamental entre as cidades europeias e as cidades do continente americano: enquanto as primeiras possuíam ciclos longos e temporais para sua realização, tornando a passagem do tempo um qualitativo, as cidades do continente americano (e São Paulo em particular) privilegiariam as formas novas e os ciclos curtos de duração. De acordo com o autor, a passagem do tempo representaria em

São Paulo uma característica necessariamente negativa da cidade, o que apontaria continuamente para o processo de deterioração de partes e formas da cidade. Se, nos primeiros anos do século XX, Campos Elíseos, República, Bom Retiro e Centro representariam “o ponto para onde converge tudo quanto São Paulo tem de mais seletivo: políticos, jornalistas, acadêmicos, comerciantes, excursionistas” (CUSANO et alli, 1982, apud FRUGOLI JR., 1995, p. 22), as rápidas mudanças pelas quais a área central de São Paulo passava quando da visita de Levy Strauss, nos anos 1930, prenunciavam então a eminência do seu processo de deterioração.

Porém, tomar o caso da Cracolândia como uma heterotopia no/do Centro exige alguns cuidados. É preciso evitar vícios de análise que poderiam confundir os processos gerais e históricos que se operam no Centro Antigo com uma relação causal e até mesmo funcional no surgimento de uma heterotopia. Como vimos, pela proposição de Foucault, as heterotopias se estabelecem justamente em casos de franca disfuncionalidade e desencaixe em relação às narrativas históricas e aos processos urbanísticos. A transição física e simbólica do Centro Antigo em direção à consolidação da Cracolândia deve ser entendida para além das dinâmicas do mercado imobiliário, da expansão da cidade, da chegada de novas classes socioeconômicas. Se olharmos o debate pela perspectiva de Foucault, a deterioração física observada como processo por Levi-Strauss pode ter oferecido as condições para o surgimento de uma heterotopia, mas esta é fruto de certas necessidades marginais que se concretizaram no espaço de um modo pré-político, pelo menos no sentido institucional e mais tradicional.

A Cracolândia não existe apenas pelo desinteresse do mercado imobiliário nas ruas do Centro Antigo da cidade de São Paulo. Ainda que seja importante considerar o processo de saída das classes altas da área central da cidade, em um processo análogo ao de outras capitais brasileiras, não há mecanicidade no surgimento de uma heterotopia. A saída das classes altas segue a busca por ambientes mais conviviais e bucólicos nos novos bairros planejados no subúrbio de São Paulo, de certo modo nostálgicos em relação ao contato com a natureza e a vida no interior, deixa brecha para novas ocupações e práticas. Paralelamente, a área central é alvo das novas políticas de zoneamento da cidade, que estimulam a concentração de outros serviços e atividades que não reforçam a permanência de segmentos da população. Do uso residencial e da publicidade do poder no início do século XX, o centro de São Paulo passa por um lento processo de esvaziamento e de desvalorização que indubitavelmente contribui para o surgimento de uma heterotopia. No entanto, a heterotopia não pode ser entendida apenas como consequência direta da especulação imobiliária.

Na ausência de interesse do mercado imobiliário pelo centro de São Paulo a

partir de meados do século XX, nota-se uma tendência de saída das camadas mais abastadas do Centro, assim como uma diminuição do peso de suas práticas sociais dentro da vida cotidiana. A existência de um espaço urbano já consolidado em suas ruas, serviços e prédios passa a servir de ponto de interesse para outras camadas sociais e outras práticas. Nesse processo, o centro de São Paulo passa a concentrar pouco a pouco certas atividades marginais ao comportamento médio observado na cidade. Entre outras instituições, nota-se que a Boca do lixo – antigo núcleo cinematográfico da cidade de São Paulo – passava a se focar em filmes populares de forte apelo sexual. Como colocou Frugoli Jr:

enquanto a cidade expandia suas fronteiras de forma desordenada, boa parte do centro da cidade foi passando por um rápido processo de diversificação de funções, sofrendo uma gradativa deterioração urbana, com estagnação de funções, sofrendo uma gradativa deterioração urbana, com estagnações no ritmo de novas edificações, queda no seu uso habitacional com o afastamento de parte de sua população para outros bairros, encortiçamento, proliferação do pequeno comércio informal, aumento da violência urbana (delinquência, assaltos etc.), prostituição, miséria. (...) Já a partir dos anos 50, configura-se em São Paulo uma outra etapa em sua organização físico-espacial, ligada à estruturação da fase monopolista do sistema produtivo, que implicou novas formas de crescimento da cidade e um rearranjo da relação entre o planejamento urbano e a metrópole (FRUGOLI JR, 1995, p. 29-32).

O Centro Antigo da cidade de São Paulo passa então a refletir a prostituição, o consumo de drogas e a boemia que se desenvolvem em suas ruas, superpondo comportamentos e práticas marginais aos sentidos normativos e tradicionais de publicidade, ainda que esvaziada e deteriorada (BARBOSA DA SILVA, 1959). O fim da chamada “Zona Livre” do Bom Retiro, decretado pelo prefeito Jânio Quadros em 1953, conferiu uma dispersão da prostituição pelos Campos Elíseos e bairros vizinhos, assim como uma maior marginalidade vinculada ao comércio do sexo e seus consumidores. Entre outros traços marcantes, nota-se que o uso noturno do espaço urbano passa a ser comparável ao diurno em frequência e em dinamismo. Nessa coincidência entre ordem e marginalidade no espaço, as formas de se avaliar o sentido das práticas sociais no espaço são desafiadas cotidianamente pela alternância e pela concorrência dos micropoderes.

Se tais contextualizações nos ajudam de fato a entender o processo de surgimento e consolidação da Cracolândia, é preciso limitar esta compreensão a uma relação que não é de causa e efeito. Do contrário, diversas outras cracolândias existiriam espalhadas pela cidade de São Paulo, sempre que se repetissem as mesmas condições de deterioração do espaço físico e de desengajamento dos grupos



de poder, sejam estes públicos ou privados. Acreditamos que a relação entre espaço público e heterotopia *l'acturse* configura apenas em certos casos, que possuem características específicas.

lugares reais, lugares efetivos, lugares que foram desenhados na própria instituição da sociedade, e que são tipos de contra-localizações, tipos de utopias efetivamente realizadas dentro das quais as localizações reais, todas as outras localizações reais que se pode achar no interior da cultura são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas, tipos de lugares que se encontram fora de todos os lugares, ainda que, entretanto, eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, como são absolutamente outros do que todas as localizações que eles refletem e das quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, as heterotopias (FOUCAULT, 2001, p. 1574-1575).

A deterioração física e moral do Centro de São Paulo simultaneamente refletiria os movimentos do capital e as escolhas das políticas de urbanização, ao mesmo tempo em que se omitiria em relação a usos marginais que ressignificavam a área. A centralidade da localização conferia um jogo de proximidades entre diferentes classes e grupos sociais que seria fundamental para nossa interpretação do Centro como uma heterotopia de um espaço público. Ao seguir a definição de Foucault, poderíamos reconhecer uma concentração de necessidades (habitação, vício em drogas, luta pela sobrevivência por intermédio da violência, circulação no centro) que colocaria indivíduos que possuem diferentes trajetórias de vida compartilhando uma mesma tensa experiência da cidade, esta ainda presa a um cenário deteriorado da publicidade.

Breve, a definição de uma relação de heterotopia no Centro Histórico de São Paulo se construiu sobretudo a partir da década de 1990, sobre os fragmentos e resquícios de práticas sociais variadas observadas no século XX: sociabilidade, valorização imobiliária, monumentalismo e atividades econômicas foram parcialmente substituídas por cinema marginal, esvaziamento populacional, delinquência, tráfico, prostituição. Nesse processo, classes socioeconômicas se aproximavam fisicamente, ao mesmo tempo em que se realocavam os fluxos de capital e criavam novas formas simbólicas para representar a experiência dessa área. Mesmo as políticas assistencialistas da prefeitura e do Estado de São Paulo não foram capazes de impedir a consolidação de uma área deteriorada que funcionava como uma inversão do sentido cívico presente no centro da cidade de São Paulo até meados do século XX. Ao invés dos códigos e costumes sóbrios que mobilizavam a cidade nos anos 1930 e 1950, a Cracolândia sintetizava e estetizava as falhas e omissões do processo de modernização a partir dos anos 1990.

## A Cracolândia como uma heterotopia

Para analisar os termos pelos quais a Cracolândia pode ser entendida como uma heterotopia, nos preocupamos em definir balizas de investigação que coincidam com os princípios de avaliação sugeridos por Foucault. Dessa forma, os efeitos da existência de uma heterotopia da Cracolândia no Centro Histórico da cidade de São Paulo podem ser entendidos por intermédio a) das ideias de crise e de desvio; b) do entendimento que a heterotopia pode mudar ao longo do tempo; c) da justaposição (ou sobreposição) de lugares incompatíveis; d) de que está ligada a cortes no tempo; e) de que promove aberturas e fechamentos no espaço; f) e de sua possível função de denúncia da ilusão ou injustiça do “espaço real”. O ponto de partida para essa projeção da obra de Foucault depende então do seu elemento central de entendimento, que é encontrado na associação da área ao tráfico de drogas e as suas atividades.

Apesar de todo destaque conferido pelos meios de comunicação, a Cracolândia não é um grande ponto de distribuição de drogas para o restante da cidade, com estoques ou oficinas para a produção do crack. Diversos secretários de Segurança Pública do Estado de São Paulo, como Antônio Ferreira Pinto, se viram forçados a tentar justificar os resultados pífios das apreensões de crack na área, quando da realização de ações repressivas:

É um equívoco dizer que foram apreendidos só 300 ou 400 gramas de crack. Ocorre que a pedra de crack é menor que uma semente de laranja. Por isso deve contar pelo número de pedras apreendidas. São milhares de pedras recolhidas nesse período (VERPA, 2012).

De acordo com os dados e leituras da Polícia Militar de São Paulo, tais estoques e oficinas se concentram em áreas periféricas, em favelas da capital paulistana ou em outras cidades da Região Metropolitana. Tampouco a Cracolândia é concebida pela função de distribuição da droga na cidade. Para efeito de comparação, é possível citar apreensão de crack realizada em 2010 no bairro de Água Rasa, Zona Leste de São Paulo, na qual 400 kg de crack foram apreendidos (TERRA, 2010). Devido à centralidade da sua localização, a presença policial nos seus arredores diminui o interesse em tratar a Cracolândia como ponto da rede atacadista de drogas. A Cracolândia entendida como localidade do tráfico funciona apenas como ponto final da cadeia produtiva da droga. Trata-se de um ponto de vendas no qual não há grandes depósitos e nem biqueiras fixas. Como afirmou o diretor do DENARC Marco Antônio de Paula Santos: “É um tráfico pulverizado. Podemos ir a vários pontos de venda de crack e prender vinte, trinta pessoas. Além de a maioria não ficar presa, outras vinte, trinta pessoas vão estar ali no lugar delas no dia seguinte” (apud SKUJIS & DE SALVO, 2015). Por essa razão, não há grande

presença armada para garantir a segurança do tráfico. A mobilidade e o microcomércio protegem a atividade ilícita e suas perdas, ao mesmo tempo em que explora a concentração dos usuários e a centralidade da área. Todo o volume comercializado na Cracolândia depende de fluxos entre as áreas periféricas de São Paulo, mobilizados pelas “mulas”, ou seja, pelo ir e vir destes pequenos vendedores de drogas.

Do ponto de vista da atividade econômica do tráfico, a comercialização é feita por “esticas” ou “biqueiras”, ou seja, por pequenas e móveis bocas de fumo, sem nenhuma outra estrutura maior. Usa-se inclusive do vício de usuários para incorporá-los ao funcionamento do tráfico, conferindo uma marca distintiva à Cracolândia. O mula-trafficante é consumidor do próprio produto comercializado, assumindo riscos que não são em grande parte compartilhados pelos circuitos atacadistas das drogas.

O homem à direita do vídeo é um dependente químico. Mas ele também vende a droga. Uma pequena quantidade para um usuário. Depois, para outro. Até que ele mesmo se senta e consome o crack no meio de um grupo que o vício tirou da família, do emprego e deixou na rua. Fora de casa e sem renda, o dependente faz qualquer coisa para alimentar um vício (...). Pede esmola, se prostitui, rouba, vende o que tiver nas mãos. Até um pedaço da próxima pedra de crack que vai fumar. Assim, ele participa de uma espécie de microtráfico difícil de combater. (...). O crack continua chegando e sendo repassado de mão em mão pelos viciados. A grande oferta e o preço baixo facilitam o consumo (MENESES, 2015).

Dito de outra forma, a lucratividade do circuito do crack em São Paulo é em muito anterior do ponto de vista espacial à Cracolândia. Isto torna ineficiente quase toda atividade repressiva ao tráfico por parte da Polícia Militar. As apreensões registradas publicamente são de expressão relativamente pequena e as prisões são pouco significativas para o circuito da droga. A repressão se autojustifica publicamente apenas pela dispersão do polo de consumidores. Apesar das estatísticas divulgadas regularmente pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo registrarem número alto de ocorrências concentradas nos 2º (Bom Retiro), 3º (Campos Elíseos/Santa Efigênia) e 77º Distritos Policiais (Santa Cecília), os dados não comunicam as quantidades de drogas apreendidas ou o número total de homicídios (Tabela 1). Pode-se, no entanto, utilizar os dados especializados disponíveis no Mapa da Violência para apontar uma importante tendência de diminuição no óbito na arma de fogo na cidade, que teria caído de 3824 em 2002 para 1429 em 2012 (WAISELFISZ, 2015). É possível ainda fazer uso das taxas de homicídios por grupo de 100 mil habitantes para apontar para clara

tendência de decréscimo ou estabilização do risco de violência em alguns distritos do centro, como Santa Ifigênia, Santa Cecília, Pari, Bom Retiro. A taxa de homicídios por grupo de 100 mil habitantes do Distrito de Santa Cecília, que engloba a maior parte da área da Cracolândia, é de 7,2, menor do a do Morumbi, de acordo com os dados divulgados no ano de 2014 (G1/NEV-USP, 2014). De modo adicional, os usuários da Cracolândia frequentemente depõem sobre o risco de esfaqueamento, a paranoia, as agressões policiais o risco de contrair AIDS, mas os homicídios por arma de fogo não apresentam a mesma repetição nos registros. Por consequência, é possível afirmar que parte importante da visibilidade e da polêmica acerca da Cracolândia se constrói no plano moral e simbólico do espaço.

**Tabela 1. Produtividade Policial 2013-2015 (2ª, 3ª e 77ª DPs).**

Natureza	2015 (1)	2014	2013
Ocorrências de porte de entorpecentes	426	372	249
Ocorrências de tráfico de entorpecentes	388	431	420
Ocorrências de apreensão de entorpecentes (2)	13	24	5
Ocorrências de porte ilegal de arma	28	32	10
Nº de armas de fogo apreendidas	111	78	59
Nº de flagrantes lavrados	1298	1565	1374
Nº de infratores apreendidos em flagrante	230	164	216
Nº de pessoas presas em flagrante	1507	1869	1832
Nº de prisões efetuadas	1298	1565	1399

(1) Dados referentes ao período de Janeiro até Setembro de 2015.

(2) Ocorrências em que houve apenas apreensão de entorpecentes (sem pessoas envolvidas).

Fonte: <http://www.ssp.sp.gov.br/novaestatistica/Pesquisa.aspx>.

Estrito senso, a Cracolândia se apresenta como o império do consumidor de crack e funciona como um caso particular das ideias que Foucault associava à crise e ao desvio. Deixa-se que este espaço deteriorado e pouco valorizado concentre parte da população que manifesta um vício, assim como os desvios da norma

jurídica que estão ligados ao seu consumo. De fato, os controles ao comportamento estabelecidos no restante da cidade pelo poder público e os controles ao comportamento estabelecidos nas bocas de fumo das favelas por parte do tráfico de drogas não se encontram claramente definidos aqui. A concentração de usuários e a livre ação são elementos que destoam de outros pontos de comercialização de drogas encontrados em São Paulo. Na Cracolândia, os usuários vivem cotidianamente. A circulação desses usuários só é por vezes interrompida temporariamente por uso da força, mas não se caracteriza em uma marca da sua espacialidade. Por oposição, nas favelas de São Paulo, em diversos casos, as alucinações (as chamadas “brisas” do crack), excitações ou simples consumo de drogas não são sempre tolerados para não chamar atenção da Polícia, não gerar conflitos com os moradores das favelas ou para não comprometer as atividades dos depósitos, oficinas e recursos que estruturam o tráfico de drogas.

As coincidências entre os pontos de comércio e de consumo, e entre traficante e consumidor, transformam o caráter marginal desse espaço, pois contribuem diretamente para usos que refletem mais os condicionamentos internos do que os externos. Usa-se a liberdade, a visibilidade e a fluidez das relações para garantir os fluxos dos produtos e a continuidade da existência desse espaço marginal contíguo aos núcleos de poder normativo e simbólico da cidade de São Paulo. Não acreditamos que a Cracolândia possa ser confundida sem redução do seu entendimento ao modelo das *crack houses* da Nova York dos anos 80 e 90, no qual pequenos traficantes tomavam posse de edifícios abandonados e disputados judicialmente para realizar sua atividade comercial, deixando a rua para a perambulação dos viciados. A partir de uma abordagem espacial, é possível afirmar que a Cracolândia jamais instituiu claramente tal separação. Talvez um dos objetivos encontrados na Operação Braços Abertos tenha sido justamente tentar estabelecer esta separação que não existia, ao defender a separação entre público e privado através da consolidação de um ambiente privado para grupos familiares em quartos de hotéis alugados nas redondezas. Breve, a Cracolândia parece ser um modelo que não pode ser reduzido aos casos anteriores e tal especificidade se constrói diretamente pelo seu contato com as dinâmicas públicas e privadas.

As novas separações entre as esferas pública, privada e social sugeridas por Foucault podem ser projetadas no contexto da publicidade da vida íntima na Cracolândia. Ações ligadas ao corpo e a intimidade são exercidas em franca relativização dos limites que separam o público e o privado no restante da cidade. Ato sexual, cozinhar, urinar/defecar, dormir, usar drogas, tomar banho não possuem limites físicos claros, ainda que a organização espacial da Cracolândia possa ser esclarecida de modo mais vago internamente. Há os “buracos” que são

apontados como espaços de relativa privacidade, encontrados em prédios arruinados, por exemplo. Pode-se ainda lembrar da prática conhecida na Cracolândia como “Favelinha”, que é montada na rua Helvétia, com alguns barracos erguidos sobre o calçamento da rua. Ainda assim, em ambos os casos, os “buracos” são visíveis da rua, plenamente acessíveis e, muitas vezes, transitórios, uma vez que os micropoderes e a violência da Cracolândia geram perdas dos seus domínios. A visibilidade, a co-presença e a livre apropriação na Cracolândia convidam a redefinições do que separa o público e o privado, ainda que estas sejam temporárias.

Isso não significa necessariamente que os usuários não possuam lares ou que não haja vaga nos abrigos públicos. Muitos daqueles que circulam na Cracolândia deixaram seus lares por conflitos variados com seus grupos familiares, sejam estes conflitos produtos da dependência à droga, seja a dependência à droga resultado de outros conflitos familiares (abandono, abuso sexual, violência). Mais importante do que tipificar neste artigo os padrões de abandono do lar por parte dos usuários da Cracolândia é perceber de que parte daquilo que prende os usuários a sua extensão é o fato de que ali estão confundidos aspectos privados, sociais e públicos de sua vida. Como comunica Fabian Nacer, ex-usuário e frequentador da Cracolândia, em depoimento sobre a situação da Cracolândia entre 1998 e 2003, há divisões e diferenciações que se constroem que alteram os limites da privacidade e da publicidade:

Não era tanta gente na rua como é hoje. Nós temos que lembrar o seguinte: se você olhar (...) naquela concentração de zumbis ali (...) tem uns 300. A Cracolândia é bem maior do que o que a gente vê, porque nos hoteizinhos, nos cortiços, ficam a maior parte das pessoas. Ainda conseguem tomar um banho de vez em quando, ter uma aparência melhor, não andar no lixo o dia inteiro. (...) aqueles são os 300 do lixo (BOUER, 2015).

Outra pergunta que nem sempre é evocada no contexto da discussão da Cracolândia e que remete as redefinições das esferas pública e privada é aquela que questiona se é possível resolver um problema da vida íntima através de uma política pública. Ações de prevenção, de ressocialização, de repressão e de higienização são constituídas como “soluções” para problemas que ultrapassam os limites da publicidade e de suas normas para controlar a criminalidade, a miséria e a saúde. Tais problemas se encontrariam além dos limites mais frequentes de definição, uma vez que estabelece problematizações para as linhas que separam as esferas pública, privada e social (VALVERDE, 2007). De forma mais precisa, a publicidade da Cracolândia realiza cotidianamente uma denúncia que envolve tanto a violência da intervenção pública sobre uma instância da vida privada,

quanto a violência da omissão pública de uma questão social com ampla repercussão.

Para o reconhecimento de uma heterotopia na Cracolândia, segundo Foucault, é preciso estudar a consolidação de um sistema de abertura/fechamento desse espaço que difere do restante da cidade. Se tentarmos responder se a Cracolândia é um espaço aberto ou fechado, seria preciso reconhecer, em primeiro lugar, que não há barreiras físicas (oficiais ou marginais) a entrada de pessoas em seus limites definidos pelo hábito. Não há cancela, patrulha policial ou traficante armado que impeça o ir e vir de pessoas. Tampouco a linha que separa a Cracolândia do centro antigo de São Paulo é totalmente consolidada e fixa. Ao longo dos últimos 20 anos, a definição de onde acaba e começa a Cracolândia se alterou, com sensível retração dos seus limites representados nos jornais e demais meios de comunicação. Se há então uma fronteira que separa a Cracolândia do restante da cidade, esta deve ser entendida como uma zona de transição, de caráter poroso. Porém, a abertura física não pode ser confundida com a ausência de barreiras simbólicas ou imateriais. Ao longo de sua entrevista, Nacer revelou que o acesso e a saída da Cracolândia se estabelecem por princípios que são mais relativos ao vício do que propriamente às características físicas do lugar, o que propõe uma compreensão diferente do modo de operação deste espaço:

Eu não queria sair porque eu queria fumar crack. O que eu não queria era viver algumas coisas que eu presenciava. Os meninos de 12 anos se prostituindo com os homens adultos, as meninas de 14 esperando nenê (...) e, olha, a gente apanhava. (...) Eu apanhei da polícia (...), vi jovens morrerem (...) também tinha que fugir dos bandidos, que queriam por arma na minha mão pra assaltar no farol e eu não conseguia roubar (...). Tinha medo, mas não conseguia sair. Gente tentava me ajudar, vinha Igreja, me levava para um sítio, a prefeitura me recolhia, uma família se sensibilizava, me colocava fedendo dentro do carro, mas nada resolvia. Eu virava quatro.. cinco dias sem dormir, sem comer, ficava estirado no chão, pedia moedinha no farol, (...) juntava 10 reais e comprava uma pedra, fumava, voltava para o farol... só fazia isso (BOUER, 2015).

Apesar de a Cracolândia não ser definida com perfeição através de um discurso de classes, é notável como as suas dinâmicas são mais frequentes entre cidadãos das classes populares. Isso significa que a entrada de uma pessoa de outra classe econômica é vista como estranha e possível foco de conflitos. Etnia, origem (país, estado, cidade e zona da cidade) e faixa etária se mostram no mínimo como tão importantes quanto à classe econômica dentro desses limites. O fechamento da Cracolândia se constrói de uma forma imaterial, simbólica e fluída: se a

identificação de classe não é perfeita para a sua compreensão, há um processo de identificação dos usuários da Cracolândia, os “nóias”, que define uma limitação para todos os demais. Mesmo os trabalhadores e os moradores do Centro Antigo de São Paulo observam conflitos e diferenças em relação aos usuários e as suas formas de vestir, andar, agir, falar, lutar, alucinar. De modo adicional, a oposição entre abertura e fechamento da Cracolândia pode ser entendida pelo próprio ritmo do cotidiano – no período da noite a área de domínio se estende para além dos limites do período diurno. Se os moradores do bairro circulam com maior confiança e liberdade no período da manhã e nos dias úteis, durante a noite as práticas cotidianas do consumo de drogas se projeta como elemento dominante.

A oposição entre liberdade e controle é, portanto, vivenciada cotidianamente em uma mesma área, que representa tanto os interesses individuais e grupais daqueles que ali habitam e frequentam, quanto os medos, ambições e expectativas de boa parte da sociedade brasileira. Por definição, o que se materializa na Cracolândia ultrapassa os seus limites físicos e atinge uma dimensão que envolve símbolos, valores e imaginários.

### Considerações finais

Duas considerações podem nos ajudar a compreender como a heterotopia pode ser importante para a discussão dos problemas dos espaços públicos das grandes brasileiras, mesmo quando nos posicionamos para além da especificidade da cidade de São Paulo. Uma primeira consideração é reconhecer que a sobreposição e a apropriação espacial não significam necessariamente uma concepção mais democrática ou simplesmente mais aberta à participação. O exemplo da Cracolândia como heterotopia nos traria justamente uma reflexão oposta, na qual a superposição de estratégias de controle e de regulações da vida social tornariam o território ainda mais conflituoso e injusto. Reconhecer a particularidade da ligação entre espaço público e heterotopia e a multiplicidade de suas formas e sentidos não é o mesmo que justificá-la ou defendê-la através de um argumento relativista. De um modo geral, é possível afirmar que a impossibilidade da satisfação na Cracolândia – os proprietários e moradores não ficam mais próximos de valorizar seus bens com a dispersão dos usuários nas ruas e nos bairros vizinhos; o Estado não atinge a redução dos índices de criminalidade, não diminui o fluxo de usuários e não obtém resultados significativos de recuperação de usuários diante do capital público investido; os usuários não tem o corpo saciado, e acrescentam marcas da violência e da institucionalização que são facilmente identificáveis. Pela neutralização mútua das forças, os bens continuam deteriorados, subutilizados e disputados judicialmente (habitação, comércio e



poder público); paralelamente, os projetos, tanto os higienistas, quanto os de acolhimento, se projetam como inviáveis e desumanos pela desconsideração da corporeidade e de suas necessidades.

Outra consideração importante depende do entendimento de que nem toda área aonde se observa consumo de crack é uma Cracolândia. Para sustentar essa afirmação, defendemos que nem sempre se configura a relação entre usuários e o espaço que confronta os diferentes usos e significados. Assim, ainda que usuários possam ser vistos em outras partes do centro da cidade (embaixo do elevado Presidente Costa e Silva, nos bancos das praças da Sé e da República, e em becos dos bairros a sua volta), não há inversão dos códigos jurídicos – tratam-se quase sempre de situações provisórias criadas pela própria flutuação dos usuários e que normalmente acarretam em recolhimento, internações e prisões por parte dos órgãos dos poderes públicos ou ainda ações violentas por partes de agentes de segurança privada. Não se nota tampouco o tráfico livre, realizado abertamente nas ruas da cidade na maior parte desses outros pontos de consumo. Resta entender se a dispersão dos usuários é nociva ou benéfica, ou seja, se a existência da Cracolândia cumpre uma função social, ainda que marginal, ou se ela é uma excrescência que deve ser eliminada da cidade. No primeiro caso, do qual somos tributários, entende-se que a concentração dos usuários na Cracolândia é benéfica no sentido que permite maior efetividade das políticas públicas de internação voluntária, de recolhimento, de atendimento de saúde e de assistência humanitária. A despeito dos problemas de segurança (agressões, homicídios, roubos, estupros), dos problemas vivenciados pelos moradores, proprietários e comerciantes locais, argumenta-se que a relação de um espaço público heterotópico da Cracolândia é prioritária diante de outras possíveis demandas para a mesma área, cumprindo papel urgente nas políticas de Estado. Nesse sentido, seria melhor tolerar a presença do pequeno tráfico e da prostituição nessa parte da cidade, assim como seria desejável não autuar ou fechar hotéis e bares que viabilizam tais atividades ilícitas. A urgência social da dependência do crack teria precedência sobre os demais problemas sociais e urbanos, segundo os defensores dessa perspectiva. Por oposição, para aqueles que argumentam no sentido de um caráter imoral da Cracolândia, é preciso fazer uso dos aparelhos do Estado para desfazer sua relação espacial. Os hotéis e bares que servem de estruturas para o funcionamento da prostituição e do tráfico devem ser confrontados pela justiça, enquanto o pequeno tráfico deve ser combatido, e os usuários devem ter a internação compulsória realizada. Para os defensores dessa perspectiva, é preciso priorizar um retorno à normalidade e os seus agentes (moradores, proprietários e lojistas), reduzindo a área física da Cracolândia até o seu desaparecimento. A violência da ação

coercitiva do Estado, com claro sentido de diminuição dos direitos individuais e dos próprios corpos, seria, em tese, justificada pela necessidade da intervenção.

Em todo caso, a heterotopia da Cracolândia se constrói por uma necessidade e por problemas sociais e íntimos que não podem ser solucionados de modo definitivo. A própria dinâmica social que permitiu a constituição da Cracolândia revela os vícios públicos e privados que se constroem e desconstroem continuamente. A omissão do poder público e o desinteresse dos agentes econômicos se refletiram no ordenamento de dinâmicas marginais localizadas nessa parte do Centro da cidade de São Paulo. A estrutura material se desfaz em ritmo semelhante à desconstrução da moralidade e das normas. Nesta heterotopia, o corpo é alterado, violado e transformado pelas oposições binárias público/privado, controle/liberdade, espaço/território. Os projetos de controle podem reduzir continuamente a área ocupada por esta relação no Centro Histórico de São Paulo (talvez até o desaparecimento). O próprio prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, declarou que a Cracolândia: “É o projeto que eu mais tenho vontade de resolver. É uma coisa que tem que persistir todos os dias. Não pode desistir do território. Se você desiste do território ele vira outra coisa” (BEDINELLI; JIMENEZ, 2015). Porém, as carências e desejos que permitiram o seu aparecimento poderão ainda reaparecer.

Compreender então a Cracolândia como uma heterotopia nos permite antever um modelo específico de espaço que é justificado por uma necessidade, mas que não é compatível com as normas ou com o padrão hegemônico de sociabilidade. Esta heterotopia operaria por regras próprias e fluídas, sem a constituição de um código mais formal que poderíamos identificar como um princípio político, ainda que este fosse válido apenas para aqueles que frequentam a área. A identificação desta heterotopia, deste espaço de crise e de desvio, poderia servir a uma concepção normativa e institucional apenas como prenúncio do seu desaparecimento devido a sua imoralidade. Dito de outra forma, para que uma heterotopia desapareça, é preciso que os fóruns políticos formais se abram a concepções novas ou então assumam o seu caráter coercitivo e limitador dos corpos. De qualquer modo, a importância acadêmica e operacional do reconhecimento da heterotopia nos permite pensar formas socioespaciais diferentes daquelas que estamos acostumados a pensar.

## Referências

- BARBOSA DA SILVA, J. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo, *Revista de Sociologia*, v. XXI, n. 4, 1959, pp. 350-360.
- BEDINELLI, T.; JIMENEZ, C. *Oposição em SP chega ao ponto de chamar ciclista de comunista*. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/02/politica/1443822860\\_854536.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/02/politica/1443822860_854536.html). Acesso em: 9 nov. 2015.
- BOUER, J. *Entrevista com ex-usuário de crack Fabian Nacer*. Disponível em: <http://tvuol.uol.com.br/video/saude-veja-integra-de-entrevista-com-exusuario-de-crack-04020E1B386EE0B94326/>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- CORRÊA, R.L. *O espaço urbano*. Ática, 1995.
- FOUCAULT, M. Des espaces autres. In: *Dits et Écrits*, tome 2: 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001. p.1571-1581.
- FRUGOLI JR, H. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- G1/Núcleo de Estudos da Violência – USP. Taxa de homicídios por distrito de São Paulo. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/sao-paulo/taxa-de-homicidios-2014/>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- HART, C. *Um preço muito alto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- MENESES, C. *Usuários se misturam a traficantes e dificultam controle do crack*. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/01/usuarios-se-misturam-trafficantes-e-dificultam-controle-do-crack.html>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- SANDRONI, P. A dinâmica imobiliária da cidade de São Paulo: Esvaziamento, desvalorização e recuperação da região central. In: SOMEKH, N.; COMIN, A. A. *Caminho para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo*. São Paulo: PMSP/CEBRAP, 2004.
- SKUJIS, H.; DE SALVO, M. P. *Depoimentos dramáticos de quem luta contra o crack*. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/depoimento-s-dramaticos-de-quem-luta-contra-crack/>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- SOJA, E. Heterotopologies: a remembrance of other spaces in the citadel of L.A. In: WATSON, S.; GIBSON, K. (ed.). *Postmodern cities and spaces*. Oxford: Blackwell, 1995.
- TERRA. *Polícia faz apreensão recorde em SP de mais de 400 kg de crack*. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/policia-faz-apreensao-recorde-em-sp-de-mais-de-400-kg-de-crack,b7b95e49aa90b310VgnCLD200000bbcce b0aRCRD.html>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- VALVERDE, R. R. H. F. Sobre espaço público e heterotopia. *Geosul* (UFSC), v. 24, p. 7-26, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A transformação da noção de espaço público: a tendência à heterotopia no Largo da Carioca*. 255 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Por uma Perspectiva Geográfica dos Espaços Públicos: Repensando a Espacialidade da Dimensão Social*. *Espaço e Cultura* (UERJ), v. 22, p. 67-78, 2007.
- VERPA, D. *Secretário nega erro e diz que ação na cracolândia não tem prazo*. Folha de São Paulo, 12/01/2012.
- WASELFISSZ, J. J. *Mapa da Violência 2015*. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2015.

### Sobre o autor

*Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde*: é graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado e doutorado em Geografia pela mesma universidade. Atualmente é professor da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador associado da UFRJ. Atualmente desenvolve pesquisa principalmente nos seguintes temas: regionalização, espaço público, território, indústrias culturais, heterotopia e favela.

\* \* \*

#### ABSTRACT

### Cracolândia: the heterotopia of a public space

This article uses the notion of heterotopia created by Michel Foucault to interpret the connections between body and public space in the area popularly known as Cracolândia, located downtown São Paulo. The conflicting co-presence of drug users, homeless, police, local traders and owners in an area that is, at the same time, central by its position, but marginal to the flow of capital and the real estate market, provides the conditions to set up a kind of space that is named and lived by needs: drug addiction, poverty and everyday life. The goal here is to reveal that, rather than an actual space of violence, the Cracolândia as an immoral and marginal space of São Paulo society. Through its immorality and delinquency, it would be possible to renew, expand and re-discuss the urban morphology and meaning of politics in the city.

**KEYWORDS:** Cracolândia, public space, São Paulo, heterotopia.

#### RESUMEN

### Cracolândia: la heterotopia de un espacio publico

Este artículo utiliza el término heterotopía creado por Michel Foucault para interpretar las relaciones entre cuerpo y espacio público en la zona conocida popularmente como Cracolândia, situada en el centro de São Paulo. La co-presencia conflictiva de los consumidores de drogas, las personas sin hogar, la policía, los comerciantes y los propietarios, tanto en un área central en su posición, pero periférica al flujo de capitales y el mercado de bienes raíces, proporciona las condiciones para la creación de una especie espacio que se nombra y vivió por un conjunto de necesidades: la drogadicción, la pobreza y la vida cotidiana. El objetivo aquí es revelar que, en lugar de un verdadero espacio de la violencia, la Cracolândia es un espacio inmoral y marginal de la sociedad de São Paulo. A través de esta inmoralidad y delincuencia, sería posible renovar, ampliar y volver a discutir las formas y orientaciones políticas de la ciudad.

**PALABRAS CLAVE:** Cracolândia, espacio publico, São Paulo, heterotopia.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>